

LITERATURA BRASILEIRA
Textos literários em meio eletrônico
Prosa de circunstância, de Emílio de Menezes

Obra de referência:
Obra Reunida, de Emílio de Menezes,
Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1980.

PROSA DE CIRCUNSTÂNCIA

LUCINDA SIMÕES

Para quem escreve estas linhas não pode haver missão mais difícil do que falar de um artista de teatro. Mais difícil ainda quando tal artista traz, apensa ao nome, a glorificação consagrada unanimemente.

É o caso de Lucinda Simões. Que impressão poderá produzir no espírito público e no próprio espírito de Lucinda, uma palavra a mais, que se venha ajuntar ao vocabulário já por demais completo de encômios, que se tem organizado, de apoteose em apoteose, durante toda a sua trajetória cênica, para a perpetuação definitiva do seu nome? E esta dificuldade que existiria para quem quer que se abalançasse agora a dizer sobre Lucinda Simões, em mim é profundamente aumentada pela ausência absoluta de hábitos de crítica teatral, que só se adquire com muita assiduidade à vida das platéias e dos bastidores.

Ora, eu me considero neste terreno um perfeito catecúmeno. Faltará provavelmente nestas linhas que por aqui correm, esse amaneirado característico, essa fluência típica dos críticos de ribalta, em que todos mais ou menos se parecem pela incongruência dos conceitos, pela linguagem quase de gíria e sobretudo pela absoluta falta de sinceridade e de emoção.

Há muito que não via Lucinda. Um incidente imprevisto me aproximou um destes dias da eminente artista, com quem falei pela primeira vez, e nesse dia abjurei dos meus princípios e lá fui ao "Arara".

Havia qualquer coisa de saudoso em mim, ao penetrar outra vez, depois de longos anos, o teatrinho da rua do Espírito Santo. Como que me sentia numa vaga sensação de iniciado, ao ir rever em cena a genial reencarnadora de "Baron e D'Ange", "Princesse Falconiere"; "Duquesa de Reville", "Fedora", "Georgette", e tantos outros padrões de sua glória cênica, dos quais não precisava mais do que um para fazer a reputação invejável de que goza com tanto despreendimento, tanta modéstia e sobretudo com essa suave melancolia com que envolve a narração dos seus sofrimentos e das suas desilusões, sem a menor referência aos seus triunfos e às suas apoteoses.

Que me permita Lucinda, dizer-lhe aqui com a maior sinceridade a impressão que me produziu o seu papel, escabrosíssimo, na peça de Feydau, dificilmente se encontraria, estou certo, quem tivesse coragem de abordá-lo e não se encontraria talvez, quem o levasse de vencida, com tanto talento e com tal perfeição. Não vai portanto nisto a menor alusão ao desempenho impecável que dá a esse papel. Como porém, isto não é um artigo de crítica, e apenas uma impressão toda pessoal, como não vejo o papel com o olhar arguto de profissional, e sim com o olhar bisonho do espectador ingênuo, devo dizer, que ao revê-la no palco, todo o meu desejo era que fosse numa dessas assombrosas criações

que lhe aureolaram, o nome. Esse papel antipático, difícilíssimo, é certo, por melhor que seja interpretado pela genial artista, desloca-a completamente, da atmosfera de simpatia e estima com que sempre é recebida em cena.

Espero pois para o dia da sua festa artística para encontrar de novo a Lucinda que eu compreendo, a Lucinda que eu conheço.

Ao terminar estas heresias, que outras coisas não podem ser as afirmações de um profano, tenho fé ao menos em que a gloriosa cultivadora da prosódia portuguesa, haverá de ver nessas impressões a sinceridade de uma pena que ainda não quebrou o bico ao tropeçar de um elogio desmerecido, o que, durante doze anos de vida de imprensa no Rio de Janeiro, é a primeira vez que se refere, no mal que escreve, a uma individualidade do teatro. Que isto lhe sirva de consolo ao sacrifício de ter lido - se é que se deu ao trabalho de o fazer - este acervo de sinceridade e de ignorâncias, de admirações reais e de incapacidade para as exprimir.

NEÓFITO

O Rebate, Rio de Janeiro, 29 ago. 1900.

O ÚLTIMO CORVO DE CÉSAR

Estes "Salpicos", em geral são rimados, mas a rima, coisa de poeta, participa da natureza deste. É inconstante e indolente. Até a última hora, não nos chegaram os versos esperados e resolvemos preencher a seção de qualquer maneira. Há sempre numa redação coisas inúteis, insultas e malvernaculizadas, que ficam a entulhar gavetas e armários para os dias fatais de falta de matéria. (Falta rara, felizmente, cá por casa). São colaborações anônimas e gratuitas de vários gêneros e sabores vários.

Numa devassa pelos móveis, com todos os rigores de busca e apreensão com que Aurelino costuma arranjar as provas de uma conspirata, resolvemos tudo e demos com essas tiras que aí vão, em súmula, já amarelentas, como as faces semitapias do Sr. Pires Ferreira

O que aí segue perdeu em graça o que julgou ganhar em filosofia e perdeu em filosofia o mesmo que deixou de ganhar em graça. É uma velha anedota de cunho autenticamente histórico e que, apesar da falta de graça e ausência de filosofia, talvez possa, com retoques, ter uma aplicação de atualidade.

Vamos resumí-la. Como sabem, o corvo, na Europa, só tem de comum com o nosso urubu, malandro ou não-malandro, a cor. É um conirostro palrador que, dentro da plumagem hemetericamente escura, e sem os tons verde-amarelos da alma jacobina do Sr. Lopes Trovão e do nosso papagaio, fala como este e como este aprende coisas. Quando César voltava triunfalmente das Gálias, um patriota qualquer, desses que amam o oportuno fio da espada, conseguiu ensinar o seu corvo predileto que, por sinal, não era de todo negro, a dizer esta frase: "Eu te saúdo, César vencedor!" César, ao passar ficou maravilhado ante o prodígio e fez imediatamente adquirir o plumitivo exaltador da sua onipotência e da sua vaidade. Foi uma praga. Quem tivesse corvo à mão, entrava logo a ensinar-lhe aquelas palavras excelentemente glorificadoras. E César começou a comprar corvos, mas tantos comprou que já se lhe entupiam as oíças com o coro infernal das glorificações.

Um mísero sapateiro, cuja vida lhe corria pior que a do Sr. Cunha Vasconcelos nos tempos de hoje, concentrou todas as esperanças de salvação financeira, tal qual Pernambuco, num corvo que filha amorosa lhe mandara de longes terras. Todos os dias, por vinte ou cem vezes, pacientemente repetia as palavras sagradas e o corvo moita. Mantinha-se fúnebre, no seu crocitar primitivo, sem mostras de entender patavina daquilo, na mesma pirronice com que o Bezerra não quer entender de agricultura.

De todas as vezes, o velho sapateiro se erguia desolado, abandonava a sovela e o cerol e exclamava: "Perdi meu tempo e meu trabalho!" e o corvo moita. Passam-se as semanas, correm os meses. "Eu te saúdo, César vencedor!" - "Perdi meu tempo e meu

trabalho!

Acontece, porém, que César, passando certo dia pela tenda do gaspeador de botas, com o ruído das aclamações, o corvo, até então mudo como o índio no Senado, despertou e, por singular coincidência, pronunciou inconscientemente a saudação por tanto tempo ouvida.

César, já cansado de comprar corvos, não ligou. Mas o corvo tinha decorado também o resto e grasnou: "Perdi meu tempo e meu trabalho!" O vencedor das Gálias retrocedeu e foi esse o último corvo que adquiriu.

Quem será o último corvo de César?

Gazeta de Notícias, seção Salpicos.

O PRINCIPE E A ACADEMIA (A opinião de Emílio de Menezes)

Não sei se já me é dado ter opinião sobre esses casos de eleição na Academia. Se o ilustre Sr. José Veríssimo "já" se não considera acadêmico, eu estou a pensar que "ainda" não o sou. Há quem pense de modo diverso e afirme, talvez com razão, que o sou tanto quanto os Srs. Lauro Müller, Conselheiro Lafayette, Vicente de Carvalho e Oliveira Lima, que até hoje não preencheram a formalidade da posse e têm o direito a voto. Também há quem pense, aliás com muita razão, que o mesmo eminente Sr. José Veríssimo continua e continuará a ser acadêmico, visto independê-lo da sua vontade o deixar de ser imortal.

Seria isso conceber o absurdo de uma imortalidade interina ou provisória. Com os que assim pensam estou eu, pois, já agora me não conformo com a simples transitoriedade da vida terrena e cada dia que passa mais me apego a essa deliciosa imortalidade da qual me convenceram e que, se me não remoça, não me faz emagrecer.

Mas isto é divagação e o amigo quer apenas saber se o príncipe é ou não elegível. Isso não é comigo. Não degluti as Ordenações de Reino, nem a Constituição da República que, apesar de tão afastadas uma da outra, dizem, são as comadres dos tradutores e interpretadores disso que se define: *jus est ars boni et aequi*

Estes resolverão o caso. Não discuto por isso se o príncipe pode ou não ser eleito. Sei-o uma figura de alto relevo decorativo e digna. por mais de um título, do acatamento não só dos espíritos genuinamente literários como daqueles que também o são e que, além disso, já têm ou desejam ter... um condado.

Ora, é um homem com tais requisitos que se apresenta concorrendo com o poeta Goulart de Andrade e, portanto, eu não vacilo. Se me for permitido o voto nessa eleição, eu votarei pelo príncipe... do "Canto Real" e da "Balada no Brasil"

Mais tarde e depois de satisfazer um outro compromisso íntimo, não digo que persista em não votar em Sua Alteza, quando mais não seja para evitar uma penada do meu querido mestre Carlos de Laet, penada que, como sabem, é alguma coisa mais incômoda e de temer que a varíola ou que uma promissória a vencer-se, incontestavelmente as duas coisas mais temíveis... depois do ridículo.

A Rua, Rio de Janeiro, 1915.

VIAGEM A APARECIDA DO NORTE (Impressões)

"Já que entramos nesse detalhe das refeições, justo é fazer uma referência à boa qualidade e à abundância dos pratos servidos aos peregrinos pelo Hotel. Andrade. Uma

nota que não pode deixar de ser registrada aqui abona grandemente a comissão da imprensa que esteve naquele hotel.

Creio que raramente se poderá observar fato idêntico. O vinho, para todos os peregrinos, era pago como extraordinário. Pois bem, tendo os jornalistas presentes ordens francas da respectiva comissão e apesar de o vinho ser ali vendido a 2\$ a garrafa (vinho nacional!) as despesas extraordinárias de vinho e águas minerais, para cinco jornalistas e mais seis pessoas agregadas à comissão geral, montaram à fabulosa soma de 34\$500! ...

E ainda dizem que os jornalistas são chupistas! .

Mas, volvendo ao Cônego Andrade- Era de esperar, como dissemos apesar de sua idade, um dos esplêndidos triunfos oratórios a que ele, de há muito, habituou os nossos fiéis. É um consagrado do púlpito, e não raros são os que o preferem, e nesse caso estamos nós, ao atual bispo de Olinda, Monsenhor Brito, uma das figuras mais sugestivas da tribuna sagrada.

O seu sermão foi, portanto, brilhantíssimo admirável de dialética, sóbrio de gestos, conciso, mas não foi uma surpresa. Todos esperavam por isso.

Uma verdadeira revelação, para nós, foi o discurso do Padre Ricardino Séve. Não o conhecíamos em pessoa.

O seu nome no entanto, nos passara diversas vezes pelo bico da pena, pois não poucas foram as objurgatórias que paroquianos de São Cristóvão nos vieram trazer contra o eminente sacerdote, sob forma de reclamações. Nessas reclamações o Padre Séve era dado em geral, como um desvairado, um energúmeno, sem o menor senso sacerdotal, sem o menor critério de homem, sem mesmo a mínima intuição moral.

Tinha de falar, à noite, na despedida dos romeiros, um outro sacerdote, que não sabemos bem por que motivo se escusou à última hora.

Soubemos, então, que o Sr. Arcebispo mandara chamar um outro padre e lhe pedira que subisse ao púlpito. Não sabíamos qual fosse o padre. A certeza, porém, de que nenhum dos pregadores presentes poderia exceder Monsenhor Andrade, fez com que deixássemos igreja, finda a cerimônia, em busca das acomodações no "especial" Mal ganháramos o pátio e uma voz forte, clara, vibrante, se ouvir. Paramos.

- É fulano, dissera quase imperceptivelmente um nosso companheiro.

- Quem?

Não tivemos resposta.

O companheiro reentrara na igreja

Reentramos. Todas as faces voltadas para o púlpito.

Erguemos os olhos. A nossa primeira exclamação, sopitada, te sido esta:

- Que belo padre!

Ouvíamos. Queríamos ao mesmo tempo observar na grande mas dos fiéis a impressão produzida por aquela palavra estranha que nos arrebatava, também. Vimos e ouvimos.

Terminada a estupenda peça oratória, esperamos o padre escada do púlpito.

Queríamos dizer-lhe qualquer coisa, mesmo no atrapalhamento da emoção, saber-lhe o nome, felicitá-lo.

Qual! O homem curvou-se como quem não quer ver e disparou para a sacristia- Lá lhe fomos ao encalço. Suava, risonho, mudando as vestes.

Um redentorista alemão nos embargava o passo, teutonicamente comovido, e nos explicava na sua meia-língua, trôpega como um ébrio e áspera como um cardo bravo:

- Tifino! Tifino! jamados última horas, badre Zefe, faz tisgursa zuplime!...

Afastamos o redentorista e nos precipitamos para o pregador:

- Reverendo, somos da imprensa. Em nome dela viemos felicitá-lo pelo seu brilhante sermão.

- Discurso, volveu ele, discursinho...

- Quis tomar notas, lhe disse Oscar Dermeval, mas...

- Difícil, difícil! Quando preparo os meus sermões, ainda pode ser apanhados, mas assim, pegado de improviso, como fui, o me desejo é terminar, acelero sem o querer,

deixo-me levar na corrente e se estou feliz, não me sei refrear na impetuosidade que levo. Abandono-me ao impulso adquirido.

- Pois, reverendo, em nome da imprensa...

- Da imprensa? Que jornais? Tenho sido muito vitimado por ela, acrescentou risonho. Correio, Tribuna, Paiz, jornais caricatos todos enfim me têm atacado.

Isto dizia sem ódios sem rancores, mas numa afirmação de superioridade, em que se lhe sentiam o vigor, a energia, a aptidão para a luta. Afinal, não nos contivemos:

- Mas reverendo, o seu nome. Não sabemos de padre assim tão atacado.

- Ricardino Séve! ...

- O Padre Séve?! o de São Cristóvão?! ...

- Esse mesmo!

- Pois então reverendo! Batemos o nosso mea culpa, porque também o temos descomposto à vontade! ...

- Já sei, é natural, não me conhecem, informações. . .

- Chegamos com Vossa Reverendíssima até à torpeza do trocadilho.

- Sim? Qual foi?

- Dissemos alhures que os dois padres mais dignos. . . de nota eram o Séve e o Seve... riano! - Riu. Disse-nos então todo o motivo dessa luta em que tem estado na paróquia, mas sem recriminações, sem ressentimentos.

Sente-se nele o homem superior, tenaz, enérgico, que pode vencer todas as campanhas, pois para isso não lhe faltam qualidades físicas e intelectuais.

É um forte na melhor acepção da palavra.

Alto, varonil, de uma inexcedível beleza máscula, olhos de uma mobilidade inenarrável, insinuantíssimo, e depois com aquele poder mágico da palavra, estamos convencidos de que ele há de, em breve, chamar a si as boas graças de todos os seus paroquianos.

Nós pelo menos, consideramos uma verdadeira felicidade o acaso que nos proporcionou o conhecimento desse belo espírito que se chama Ricardino Séve!

O remate, que esse estupendo senhor da tribuna sagrada deu aos festejos propriamente rituais da Aparecida, foi em tudo digno dos prodígios de eloquência que fez nessa piedosa romaria o excepcional talento de Afonso Celso Júnior.

E se isso foi um bem, se tivemos a felicidade de embalar o espírito, durante horas, ao acalentador carinho da fé católica e da hitelectualidade brasileira, devemos esse bem, devemos essa felicidade à gentileza, ante a qual todos os agradecimentos são poucos, do Sr. Com. José Pereira de Sousa.

Com meia dúzia de crentes da ordem desse digno cavalheiro, cremos que muitas conversões se fariam no nosso meio.

A ele, pois, todas estas linhas."

GASTON D'ARGY

COLMEIA*

Luiz Guimarães conta-nos no seu excelente livro sobre o Japão que, nesse país, as viúvas raramente casam-se de novo. Andam tão desprezadas que os oficiais japoneses, quando partiam para a guerra com a Rússia, divorciavam-se das mulheres, porque, nessa qualidade, elas encontrariam logo marido, o que lhes seria impossível, se fossem viúvas.

A coisa explica-se: rivalidade de opereta. O Japão, para manter a superioridade a Geisha, não admite de modo algum que vinguem, em seu solo, Viúvas Alegres...

Dizem os jornais que a conferência entre os srs. ministros da Fazenda do Brasil, e da Argentina versou sobre farinhas e foi muito cordial.

Já sei: enfarinharam-se mutuamente para enganar o tio Sam. Quem com tudo isso vai se ver enfarinhado é o sr. Da Gama. Apronta-te, telégrafo!

Encontrei ontem um comissário da Armada à porta da Escola Berlitz.

- Então, como vai?

O homem abre um livro e responde como pode:

- Well And you?

Que é isso, filho?

E o homem furioso:

- Isso, isso é a missão inglesa que vocês estão arranjando! Estou eu nesses assados, sem adiantar nada! Bem me diz minha mulher, que papagaio velho não aprende a falar... inglês!

Anúncio de um jornal de ontem:

"Mme. F. mudou-se para a rua tal número tanto: ensina praticamente a língua francesa."

Não comento esse anúncio por medo da polícia do dr. Távora, Mas sempre direi que a escola agora não é na rua anunciada, nem na antiga: é ali na rua do Passeio. Se o dr. Távora quiser aprender a falar francês, a aula é depois das dez da noite. E muito freqüentada sobretudo pelas... professoras.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, nº 1289, 3 jul. 1911, p. 1.

A Gazeta da Tarde manifestou, ontem, a esperança de que, "desta vez, o conselheiro Rosa e Silva tem de lutar". A Gazeta é danada para ter esperanças! Pois não está ela vendo logo que este negócio de lutar não é coisa que se aprenda no monde où l'ons s'amuse.

Telegrama que chegou tarde para ser incluído na seção respectiva

"Lisboa, 3 - Houve, hoje, um combate terrível no largo do Rocio.

O rei d. José desceu, afinal, de seu cavalo de bronze, pôs-se à testa dos portugueses monarquistas do Rio de Janeiro e, apoiado pela esquadra comandada pelo infante d. Henrique, desceu do seu nicho dos Jerônimos, reduziu o Teófilo Braga mais o Beernardino a bife de cebolada.

Estamos esperando o Alberto Estanislau e o Eugênio da Silveira para tomarem o governo. Pode incluir este no serviço especialíssimo do jornal do Brasil e do Correio da Manhã. Quem duvidar da verdade dele, venha cá ver."

Ao ler a notícia da retirada iminente do almirante Marques de Leão de pasta da Marinha, um deputado que estava muito entusiasmado com o relatório, saiu-se com esta:

- É tal qual aquele general, que, à face do inimigo, gritava às tropas:

- Preparemo-nos... e marchem!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.11 1290, 4 jul. 1911, p. 1.

"O sr. Da Gama partiu, ontem, dos Estados Unidos para a Europa, em gozo de licença."

Já? Apenas empossado e já de licença? O sr. Da Gama, então, não se entendeu com os brancos da América?

Discurso de fundo do Estado do sr. Barbosa Lima:

- "Os mais nobres estímulos morreram. Não há iniciativa que vingue. O egoísmo reina sem rivais... Há uma vaga expectativa feita de apreensões. Ninguém está tranqüilo. . .

Uff! Que homem sinistro. É calamidade que te parto ...

E lembrar-se a gente de que tudo isso seria tão facilmente evitável, só com a eleição do sr. Rui Barbosa! O céu seria sempre azul; os mais nobres estímulos floresceriam como as rosas de maio; o altruísmo dominaria todos os corações e o Estado nem sequer teria aparecido para fazer esse papel de Jeremias...

O sr. Rodolfo Miranda afirmou, em telegrama ao sr. Pedro de Toledo, que o presidente da República não é como o imperador Tarquínio: não corta as cabeças das papoulas! Sabemos que o sr. Pedro de Toledo teve um grande alívio ao saber disso.

O sr. almirante Belfort Vieira foi requisitado ao Ministério da Marinha pelo Ministério da Viação.

- Bem, pensei comigo, qual será a comissão do seu Ministério, que o sr. Seabra vai dar ao almirante Belfort?

- A comissão de comandar a esquadra que vai acompanhar o presidente à Bahia Então é o Ministério da Viação que dá aos almirantes a comissão de comando de esquadras!

Essa cá me fica!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1291, 5 jul. 1911, p.1.

Agora, estão fritos os operários! Não bastava que o Jornal do Comercio os combatesse; que o Senado pusesse uma pedra em cima do projeto da Câmara; que o governo deixasse passar o tempo sem dar as informações pedidas. Tudo isso era nada. Mas agora, que o Oto Prazeres puxou da durindana e acutilou-os, está tudo morto! Venha a Assistência carregar esses cadáveres...

Um telegrama expedido pela Liga Monárquica D. Manuel, o Venturoso, estabelecida em Lisboa, informa-nos de que os conspiradores monárquicos atravessaram, afinal, a fronteira espanhola e entraram em Portugal; mas, apenas viram os marinheiros republicanos a marchar contra eles, deram às de Vila Diogo, com um heroísmo digno d'Aljubarrota.

Posso acrescentar que amanhã o Eugênio da Silveira contestará valentemente este telegrama. A verdade é que os marinheiros republicanos não estavam em terra e os conspiradores puxavam as orelhas do Teófilo Braga, não fazendo pior porque, enfim, ele é uma glória literária lusitana.

A Alemanha está sobressaltando o mundo com a questão de Marrocos. Os senhores já entenderam essa questão que está fazendo os jornais gastarem tanto dinheiro em telegramas? Não? Pois não há nada mais simples: Marrocos não pertence à Alemanha, mas, como a Alemanha precisa de ter aí uma estação de carvão para sua marinha mercante, e tem força para fazê-lo, vai e toma Agadir que está mesmo a calhar para isso. E como toda a gente grita, mas não vai além da gritaria, a Alemanha responde: Toca a andar! Corra o marfim! "

E, depois disso, falem-me da paz e do desarmamento universal.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1292, 6 jul. 1911, p. 1.

Viram o passe de mágica do Paraguai? A Argentina gritou: um dois! três! e tudo foi feito: o ditador todo-poderoso da véspera foi preso por um major e zás! instalou-se um governo "liberal"! E a Alemanha está com tantas hesitações em Marrocos! Venha aprender cá na América do Sul como se fazem as coisas limpamente...

O Jornal, na edição moeda fraca, tem uma seção com este título: "Coisas que não, se compreendem". Ontem, lia-se nessa seção o seguinte: "A única preocupação dos homens políticos deve ser a educação do povo e a agricultura."

Título bem achado! Eis aí, efetivamente, uma coisa que não se compreende.

"Isto é uma terra onde não há pobres, onde todo mundo tem trabalho à farta, bem remunerado e feliz. Só os mujiques são miseráveis, só os envenenados pelo Sebastien Faure e pelo Kropatkine podem dizer o contrário." (jornal do Conimercio, edição de ontem, 2ª página).

"Houve hoje mais uma grande distribuição de socorros aos pobres mantidos pelo Dispensário da Irmã Paula.

O fato em si não encerra uma novidade. Diariamente ali se amparam dezenas e dezenas de necessitados que, através essa figura simpática, carinhosa e boa da Irmã Paula, recebem o influxo das almas caridosas.

Mas é que a distribuição de hoje teve a presença do general prefeito e do dr. presidente do Conselho Municipal.

As duas altas autoridades tiveram ocasião de ver a dedicação e o amor com que a Irmã Paula trabalha e faz trabalhar em bem dos que sofrem, dos que precisam e dos que, pela contingência da vida, tombaram das altas posições e se viram na emergência de implorar a caridade pública." (jornal do Comimercio, edição de ontem, 2ª página).

Como a verdade se impõe!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1293, 7 jul. 1911, p. 1.

Não sei para que o patrão andou mais de uma semana a discutir com o jornal esta questão da intervenção do Estado. Desde que eu nasci que a coisa está perfeitamente regulada. Um exemplo: o Banco da República arrebenta? É dever do Estado intervir e dar-lhe dinheiro para os capitalistas não se arruinarem.

O Correio da Manhã comunica-nos, ontem, que "não houve confirmação do combate de Lisboa".

Oh! homem! Leia o serviço telegráfico d'A Imprensa, que é o melhor que aqui se publica, e verá que houve confirmação positiva de que tal combate nunca existiu senão na vontade do Alberto Estanislau. Ou do Eugênio da Silveira, como queiram. . .

O Diário de Notícias publicou, ontem, um artigo com este título: "A nota do Catete".

Um civilista enragé, atirando fora o jornal:

- Já sei. É uma nota falsa!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1294, 8 jul. 1911, p.1.

O Medeiros disse-nos ontem que a farda da Academia Francesa é feia.

Naturalmente. Bonita é a que ele inventou para a nossa. Tão bonita quase como a ortografia: as questões e as palavras ficam desconhecidas.

A Notícia falando ontem da reforma iminente da instrução pública nesta cidade emite esta opinião: "O que desejamos muito sinceramente é que a reforma corresponda às necessidades reais de serviço, encaradas de um ponto de vista prático."

De acordo com esta opinião estão, que o saibamos, até agora:

o sr. Prefeito;

o sr. Diretor de Instrução;

o Conselho Municipal;

os professores;

nós;

vós;

eles.

Consta que o coronel Albino Jara não vai à Europa como ministro, diplomático: vai percorrer o mundo para tirar patente da invenção do novo método de ser vítima de revolução

Ah! se o rei D. Manuel já o conhecesse!

O Lage mandou do Porto ordem ao País, para desmentir a revolução em Lisboa.

O que eu desminto aqui, porém, no telegrama do Lage, é a notícia dos 25 milhões de francos mandados pela colônia portuguesa do Brasil.

Como se a colônia não tivesse mais que fazer!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1295, 9 jul. 1911, p. 1.

Ouvimos dizer - e damos a notícia com todas as reservas que o Senado está disposto a dar andamento aos códigos que lá estão há muitos anos aguardando parecer. Por mais incrível que seja a notícia, ela terá algum fundamento porque alguns senadores descobriram que o Senado foi inventado para legislar. E parece que têm razão.

Perguntas a prêmio:

- A polícia do Distrito Federal tem jurisdição em todos os Estados da União?

- A polícia desta cidade é uma instituição federal ou local?

- O inspetor geral dos agentes pode agir em todos os Estados da União?

Não respondam, não respondam, que é melhor.

Telegrama de Lisboa:

"LISBOA, 9 - Assim nunca mais teremos calma! Depois do grande combate travado nas ruas desta cidade entre marinheiros monarquistas e comendadores republicanos, estávamos vivendo numa paz relativa quando telegrafaram para cá na íntegra terrível artigo de Eugênio da Silveira no Correio da Manhã de ontem. Foi uma calamidade! Os republicanos apavorados largaram as armas e os monarquistas dispararam, quer dizer, dispararam as armas. Morreram todos. Só fiquei eu para proclamar de novo a monarquia. Abraça por nós o Silveira - Teófilo."

Epígrafe do noticiário do Correio da Manhã de ontem:

O CADÁVER AGUARDA A AUTÓPSIA.

Cadáver bem-educado!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1295, 9 jul. 1911, p. 1.

O sr. dr. chefe de Polícia recebeu ontem muitos parabéns por ter ficado resolvido, no despacho coletivo, que a reforma da polícia talvez venha a ser assinada um dia; e se não for assinada algum dia, não quer dizer nada - será mais tarde.

O instinto de imitação é o diabo. Enquanto o falecido Conselho Municipal de bobagem dava funções no largo da Mãe do Bispo, nós fomos aqui noticiando todos esses alegres espetáculos, da mesma maneira que relatamos as récitas dos outros circos da cidade. O jornalismo civilista, obrigado a fingir sério, pelo partidarismo, resistia. Como agora os correligionários não podem mais sofrer com os seus remoques, vivem a reeditar as lérias, sem reparar que o mambembe já se dissolveu. Mas, oh! pessoal original, os seus amigos foram tão egoístas que levaram para o túmulo toda a pilhéria de que eram tão abundantes?

Uma folha da tarde acha que o sr. presidente da República não pode, antes de partir para a Bahia, pedir ao Congresso a adoção do novo sistema de hora universal. Os motivos não foram declarados.

Será porque, adotada agora, embora, não será, ainda assim, adotada à última hora?

Ora, ora!

Cartaz de ontem, à porta de uma redação:

"O sr. senador... não comparecerá hoje ao Senado."

Se começam a noticiar tudo que não vai acontecer, vão ter um noticiário supimpa!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.. 1297, 11 jul. 1911, p. 1.

O sr. Giolitti, presidente do Conselho de Ministros na Itália, apresentou um projeto de lei

social: punha exclusivamente nas mãos do Estado os seguros de vida e com os lucros deles ia fazer face a uma série de necessidades sociais. Pois teve de abrir mão do projeto. Por que o acharam mau? Por que o analisaram e o julgaram errado? Nada disso! Por mera politicagem. A discussão foi meramente política, isto é, aproveitaram a monção e quiseram derrotar o ministério... Parece que definitivamente as assembléias não sabem fazer outra coisa...

Temos, graças a Deus! um Instituto Poliarístico.

Agora, só nos fica faltando... a Arte.

O Correio da Manhã publicou ontem, na seção telegráfica, em letras garrafais:

"Portugal continua em sossego."

Não há de ser por muito tempo, descanse: o Eugênio da Silveira não é homem para se conformar com isso.

A Comissão de Agricultura da Câmara propõe que se dê a garantia de juros de 5 por cento ao ano a quem se propuser a explorar a borracha do Amazonas. Eu sei de uma pessoa que faz isto muito mais barato. Não quer saber de garantia nenhuma: pede só que se lhe dê... um seringal.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1298, 12 jul. 1911, p. 1.

De um jornal da tarde de ontem:

"A história registra diariamente fatos interessantes no que diz respeito às crenças de cada um."

Ahn! ... Palavra que não sabia que a história fizesse semelhante asneira.

O sr. Bittencourt, dono do Amazonas, comunicou ao sr. Ministro da Agricultura que leu perante o Congresso a sua mensagem.

S. Ex. dirigiu essa comunicação ao sr. Ministro da Agricultura - e não ao do Interior - porque é aquele a quem interesse o aumento da produção de batatas.

O sr. Percival Farquhar escreveu, ontem, um artigo, no jornal do Comércio. Como este clima é propício ao desabrochar do talento jornalístico! E o que tem graça é que o jornalista Farquhar tem carradas de razão, quando diz que o que entrava os negócios aqui não são as dificuldades deles, mas a seção do governo que avança logo, cobrando impostos formidáveis. Lavre lá um tento o sr. Farquhar...

Os jornais andam num formidável steeple-chase- Cada qual quer fornecer maior cópia de informações ao público. Quem bateu o record porém, foi o Jornal do Commercio, que ontem publicou este sensacional telegrama: "Porto Alegre, 11. Faleceu o sr. Fulano de Tal, pai do sr. Cicrano."

O leitor não pode fazer senão repetir comigo:

- Sinto muito de minha parte.

Refere o órgão da campanha contra o jogo que só no dia de anteontem a polícia fechou três casas de tavolagem, onde se bancava o dado e o monte, no centro da cidade, a dois passos da Avenida Central.

Há de ser engano. Há muitos meses que o colega está a proclamar que o jogo está morto e enterrado.

- Consta que o Távora, à guisa de corretivo, vai mandar prender, pôr no estaleiro e vender o Bahia, logo que chegue da Bahia!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1299, 13 jul. 1911, p. 1.

- Que frio

- Isto não é nada. Que dirão os senhores Schill & C., que foram gelados em 300 contos pelo bacharel Telmo!

- Bem fez o Rivadávia em acabar com os títulos acadêmicos, Olhem esse bacharel Telmo....

- Mas ele não é bacharel. É doutor de borla e capelo na malandragem. Esse é um título

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

